

O TERRORISMO NA ATUALIDADE*

ARMANDO AMORIM FERREIRA VIDIGAL
Vice-Almirante (Ref^o)

SUMÁRIO

- Introdução
- Reflexões sobre o 11 de Setembro
 - Repercussão do acontecimento e a televisão*
 - A retaliação*
 - O apoio aos Estados Unidos*
 - O terrorismo e o Islã*
 - A política externa dos Estados Unidos*
 - As relações Estados Unidos e Rússia*
- O 11 de Setembro e a estratégia militar
- Aos mais jovens

INTRODUÇÃO

Queria, neste momento, cumprimentar entusiasticamente esta Escola pela realização do Simpósio, mas, acima de tudo, pelo fato de mais uma vez ter ficado demonstrado que a Marinha não tem medo

de idéias. A Marinha recebe qualquer idéia, está pronta para pô-las em discussão, processá-las e transformá-las em informação para os senhores. E isso é a prova segura de que a Marinha, sem dúvida, tem um futuro brilhante a sua frente. Um futuro que nada poderá desmerecer.

* N.R.: O texto é, em essência, a exposição do autor no Simpósio "Análise e conseqüências no alto terrorismo ocorrido nos Estados Unidos", levado a efeito na EGN em 8 e 9 de novembro de 2001, e nesta forma foi deixada por melhor atender à explanação do autor. Veja Homepage da EGN na opção "CEPE - Simpósios".

Voltemos agora ao nosso tema de hoje.

Evidentemente, sendo o último a falar, tenho algumas vantagens e muitas desvantagens. Antônio Carlos Pereira reclamou de ser o presunto entre dois pedaços de pão. Que direi eu, que sou o pão que vem na parte inferior do sanduíche. É uma situação muito mais difícil porque, compreendam bem, tudo que era importante já foi dito. Então, vou tentar uma abordagem um pouco diferente da de meus colegas e tentar dizer alguma coisa que possa ser de proveito para essa brilhante Assembléia.

REFLEXÕES SOBRE O 11 DE SETEMBRO

Vou partir de uma situação, que peço aos senhores acompanhem. Vou tentar fazer algumas reflexões sobre o ambiente, sobre o cenário político-estratégico que decorreu dos incidentes de 11 de setembro. Uma análise de como a situação agora se apresenta, para que depois realmente possamos entrar no mérito da questão proposta pela Escola de Guerra Naval.

Repercussão do acontecimento e a televisão

A primeira reflexão que é preciso fazer diz respeito à repercussão do acontecimen-

to. Uma repercussão extraordinária, que talvez transcenda um pouco a lógica. Sem dúvida nenhuma, o fato foi extremamente traumático, e isso por diversas razões, não só pelo número de vítimas envolvidas – mais de cinco mil pessoas perderam a vida no incidente –, mas, talvez, e aí entra uma razão muito importante, porque o acontecimento

foi assistido praticamente ao vivo pelo mundo inteiro. O mundo inteiro pelo menos assistiu ao segundo avião se projetar contra a segunda torre do World Trade Center e ficou estarelecido vendo aquele acontecimento praticamente ao vivo. Diversos homens suicidas dentro de cada avião, não um, mas diversos homens suicidas, se projetando contra cidadãos indefesos: uma coisa chocante, e é importante que a gente reflita um pouco.

Não se pode mais ignorar hoje a importância da televisão em termos da guerra. A Guerra do Vietnã, meus senhores, foi perdida pelos Estados Unidos na televisão. Foi a televisão que criou tal ambiente social, dentro da-

quele democracia, que levou à derrota militar.

Então nós, militares, temos que pensar na força que tem hoje este veículo de comunicação e como ele influi na guerra, podendo mesmo alterar o resultado do conflito.

A Marinha não tem medo de idéias. E isso é a prova segura de que ela tem um futuro brilhante a sua frente. Um futuro que nada poderá desmerecer

*

O setor militar, como qualquer outro setor, tem o direito de participar da vida política – não partidária – mas com suas idéias, suas opiniões, com a força de suas sugestões.

*

A retirada para os quartéis não pode significar, de jeito nenhum, a nossa omissão com relação aos problemas do país

Eu creio, entretanto, que este choque inicial do 11 de Setembro vai ser absorvido como quase tudo na vida é absorvido com o tempo.

Alguns meses atrás, nós não podíamos abrir o jornal sem ter uma manchete relativa ao Kosovo, à Bósnia, pois estavam na ordem do dia; toda a opinião pública mundial estava voltada para eles.

Agora estamos na fase dos atentados terroristas.

Vejam os senhores que, há coisa de um mês, o jornal *O Globo* publicava um suplemento especial sobre o terrorismo. Esse suplemento foi diminuindo, passou para quatro páginas, hoje está inserido na seção de economia com uma página.

É tudo assim na vida, é natural que essas coisas aconteçam.

O impacto desse acontecimento, traumático porque se constituiu numa violência, numa violência realmente inaceitável, com o tempo vai passar, de maneira que devemos ter uma certa cautela para não tirar conclusões radicais como a de que o mundo mudou com estes atentados terroristas. O mundo não mudou; essencialmente é o mesmo e, dentro de algum tempo, o choque, embora muito grande, será absorvido.

A retaliação

A segunda reflexão que temos de fazer diz respeito à retaliação.

A retaliação dos Estados Unidos era inevitável, qualquer análise simples de-

monstra isso. Uma superpotência é atingida na essência dos seus valores maiores – econômicos, como no World Trade Center; militar, como na ação contra o Pentágono; contra o seu poder político, na ação fracassada contra a Casa Branca, ou o Congresso americano – e querem que ela tranquilamente dê a outra face? É impossível, é totalmente impossível.

A questão que pode e deve ser discutida, e nisso eu concordo com o Antônio Carlos, é se isso é o melhor para os Estados Unidos, se essa foi a melhor solução para a política externa dos Estados Unidos.

Eu diria que uma democracia sofre desse problema: a pressão da opinião pública sobre os governantes – e essa pressão era inegável nos Estados Unidos, pois mais de 80% da população americana exigia uma resposta talionica, uma resposta de superpotência, para que a bofetada não ficasse impune – não é uma boa base para a formulação da política externa.

Eu, pessoalmente, considero que não era a melhor solução para os Estados Unidos, mas numa democracia, meus senhores, a opinião pública não leva sempre à melhor decisão.

No estado totalitário sim, ela pode levar a isso porque o governante é infenso a manifestações da sociedade, mas numa democracia é impossível, ainda mais num governo que ainda estava tendo a sua legitimidade contestada.

A democracia americana não podia realmente deixar sem resposta aquela violên-

Não se pode mais ignorar hoje a importância da televisão em termos da guerra

*

**O mundo não mudou;
essencialmente é o mesmo
e, dentro de algum tempo,
o choque de 11 de
setembro, embora muito
grande, será absorvido**

cia, aquela agressão. É a retaliação torna-se inevitável.

A atual estratégia militar americana prevê o bombardeio, seja por aviões, seja por mísseis de cruzeiro *Tomahawk*, para esse tipo de operação, dentro de um propósito que é claro: a guerra sem vítimas do seu lado, ou seja, a guerra, sem ter perdas de vida americanas consideráveis.

Mais uma consequência daquela experiência terrível do Vietnã, daquela síndrome do Vietnã, quando a sociedade americana passou pelo maior risco da sua história.

Como se depreende hoje, dos livros memórias de MacNamara, de Kissinger, de George Kennan, o estado em que a sociedade americana ficou durante a Guerra do Vietnã foi quase de desagregação. E isso sem dúvida alguma pesa na decisão americana atualmente.

Conforme já dissemos, não havia alternativa, os americanos tinham que atacar de alguma maneira. Não sei se tinham provas da responsabilidade de Bin Laden ou não, e o Afeganistão abrigando o Bin Laden seria também responsável pelo ato terrorista. A nação tinha que reagir e reagiu.

Discordo que a solução ideal fosse essa; na verdade não é a solução ideal e, provavelmente, os americanos sabem disso. Nem sob o ponto de vista militar.

A experiência do Kosovo demonstrou claramente que, nos ataques aéreos deste tipo, os resultados são extremamente precários e sempre atingem a população civil. É inevitável isso, por mais cautela que tenham os americanos de evitar atingir alvos

civis, os alvos civis vão ser atingidos — é inegável.

Kosovo demonstrou isso, pois as armas inteligentes são bem menos inteligentes do que a gente pensa que são; elas erram, e provocam vítimas civis; curiosamente, as vítimas militares, são bem menores.

Os senhores sabem que, depois da ocupação de Kosovo pelas tropas da OTAN, a Força Aérea dos Estados Unidos realizou um inquérito no Kosovo para verificar realmente

o que eles tinham atingido e o que eles não tinham atingido?

Os resultados foram extremamente surpreendentes. Eles tinham falado em um número enorme de carros de combate destruídos e chegaram à conclusão que muito poucos tinham sido destruídos, e assim por diante. Os alvos militares foram muito pouco afetados por esse tipo de bombardeio e, realmente, a solução para

o problema do terrorismo, a meu ver, não está no emprego de poder militar, mas na procura da solução política, eliminando as causas que geraram o terrorismo.

Sem isso é impossível, é inviável resolver a questão.

O apoio aos Estados Unidos

Uma outra reflexão sobre esse cenário político-estratégico é que o apoio aos Estados Unidos contra o terrorismo foi universal.

Na verdade, talvez com a exceção de Saddam Hussein, que de início não se manifestou, o mundo inteiro apoiou os Estados Unidos na guerra contra o terrorismo.

O Poder Militar é um instrumento permanente da política do Estado.

*

Quando mando um navio construído no Brasil, com equipamentos brasileiros, a um porto estrangeiro, estou fazendo emprego político do Poder Militar

Estava pronto a apoiar todas as ações americanas contra o terrorismo. Mas à medida em que prosseguir o ataque ao Afeganistão, é incontestável que esse apoio vai diminuir.

Eu não quero entrar em nenhum julgamento ético; acho que nestas questões devemos apenas apresentar os fatos e tentar ver para onde eles nos levam, para onde eles nos conduzem; sem dúvida nenhuma, à medida que prossiga o bombardeio, à medida que o bombardeio não resolva a situação que ele objetiva resolver e aumentem as vítimas civis, os apoios aos Estados Unidos irão diminuindo.

A pressão da população islâmica contra o apoio que seus próprios países estão dando aos Estados Unidos vai tornar muito difícil a sua manutenção.

O Paquistão, por exemplo, está sofrendo uma pressão enorme dos muçulmanos mais radicais contra o apoio que está dando aos Estados Unidos e isso terá consequências na política externa do país. Eu tenho receio de que o Paquistão comece a agitar de novo a questão da Cachimira, para criar um inimigo externo que possa desviar a atenção dos problemas internos.

Isso nós temos visto, a história mostra que isso acontece com uma frequência espantosa. É uma possibilidade, uma consequência desse novo cenário.

Eu diria que as maiores vítimas do ataque terrorista foram as liberdades civis, e isso, realmente, é o fator mais preocupante. Mesmo a democracia americana, que é uma grande democracia sem sombra de dúvida, está impondo limites severos aos direitos civis dos seus cidadãos. Os residentes nos Estados Unidos provenientes de países árabes ou de religião muçulmana vão ter suas

vidas muito mais controladas, muito mais cerceadas, vão ter muito menos facilidades nas suas vidas. É um problema que vai ocorrer nos Estados Unidos, já está ocorrendo na Inglaterra, na França e já houve até uma tentativa de criar este problema no Brasil, como no caso dos descendentes de muçulmanos que vivem na tríplice fronteira.

O terrorismo e o Islã

Vai ser muito difícil para os Estados Unidos, **é uma outra reflexão**, dissociarem essa guerra contra o terrorismo de uma guerra contra o Islã.

A propaganda, evidentemente, faz com que seja muito difícil conseguir separar as duas coisas, isto é, que a guerra contra o terrorismo não é uma guerra contra o Islã, pois ela vai ser encarada assim pelos muçul-

manos das correntes mais radicais, espalhados no mundo inteiro.

Então, isso pode agravar as dificuldades dos Estados Unidos no campo da polí-

tica internacional.

Haverá consequências políticas em muitos Estados, com o governo tendo de se posicionar contra o povo: este querendo que seja tomada uma determinada atitude e o governo tomando uma atitude diferente, principalmente porque são governos onde não há democracia e que, portanto, vão impor a sua vontade ao povo.

A política externa dos Estados Unidos

A política externa dos Estados Unidos, e esta **é uma outra reflexão**, sempre oscilou entre dois extremos: entre o isolacionismo – fortaleza América, eu me recolho, aqui não quero nada com vocês – e o intervencionismo.

É evidente que, desde que os Estados Unidos se transformaram na única superpotência, o isolacionismo perdeu completamente o sentido, pois os interesses da superpotência são interesses globais e a sua presença é necessária em todos os pontos do mundo, em todos os pontos de conflito, e isso é uma realidade.

Sempre que os republicanos estão no poder, há uma tendência a um certo isolacionismo. O Presidente George W. Bush, quando assumiu, relegou a questão israelense a um plano secundário, porque, segundo ele, o problema não era diretamente dos Estados Unidos, era melhor se afastar. Era uma atitude basicamente isolacionista. Isso não vai perdurar porque a grande potência, evidentemente, tem interesses em

todo o mundo e é obrigada a estar presente em todos os acontecimentos mundiais.

Um ponto importante, e é aí que nós temos que reconhecer a força da democracia americana, conforme falou o Professor Olavo de Carvalho hoje de manhã com toda justeza, não há unicidade, há vozes discordantes dentro dos Estados Unidos muito poderosas. Basta citar Susan Sontag, a eminente escritora americana:

“Onde está o reconhecimento de que esse não foi um covarde ataque à civilização, ou a liberdade, ou à Humanidade ou, sequer, ao mundo livre, mas um ataque à autoproclamada superpotência mundial, em consequência de alianças e específico da América?”

Unamo-nos no luto, mas não na estupidez, uns poucos traços de consciência his-

tórica bastariam para nos ajudar a entender o que vem de ocorrer e o que pode continuar ocorrendo.”

Eu faço essa citação porque ela mostra a força da democracia americana, ela se permite esse jogo de idéias, ela está apta a receber idéias discordantes.

Eu creio que dessa multiplicidade de visões dentro da democracia americana, essa corrente vai começar a ganhar uma certa força dentro dos Estados Unidos, ela vai começar a chamar a atenção sobre a política externa americana e para os cuidados que essa política deve inspirar.

Provavelmente, a política externa americana vai se tornar mais cautelosa e, para felicidade de alguns, menos imperial.

Há possibilidades disso ocorrer?

Sem dúvida nenhuma isso vai começar pela mudança de atitude com relação aos aliados americanos.

Israel vai ser pressionado para dar solução ao problema palestino. Isso já estava ocorrendo, e certamente é uma caracte-

rística desse novo esquema estratégico mundial.

Talvez aconteça, e o professor Francisco Carlos chamou bem a atenção disso ontem, no final o Bin Laden talvez seja apontado como responsável pela criação do Estado Palestino, o que será realmente uma lástima porque, na verdade, o Estado Palestino esteve para ser criado no final do governo Clinton, quando Ehud Barak havia já aceitado a idéia da sua criação e até mesmo da divisão de Jerusalém, que era talvez a questão mais conflituosa. Estava-se a um milímetro da solução.

A solução para o problema do terrorismo não está no emprego de poder militar, mas na procura da solução política, eliminando as causas que geraram o terrorismo

Infelizmente, sob esse aspecto, o governo Clinton chegou ao final, e a negociação foi interrompida pelo governo Bush, não se chegando a uma solução.

Evidentemente, há outros problemas de solução ainda mais difícil.

A presença de tropas americanas no Kuwait, na Arábia Saudita, nos Estados do Golfo, é um desses problemas: dificilmente será possível que os Estados Unidos abram mão dessa situação, que foi duramente conquistada graças às ações de Saddam Hussein.

Talvez um dia os americanos levantem uma estátua a Saddam Hussein, porque foi o homem que conseguiu colocá-los em força no Oriente Médio. O que eles nunca tinham conseguido, conseguiram graças a Saddam.

Há uma outra coisa que, em paralelo, pode acontecer como consequência desses atentados. É que os países que se sentem prejudicados com a globalização, que são todos os países em desenvolvimento – sem sombra de dúvida, eles estão sentindo que a globalização veio apenas para proteger os fortes em detrimento dos fracos –, vão começar a agir, aproveitando a oportunidade para apresentar as suas reivindicações.

O momento é propício para isso.

Eu me permito citar o Presidente Fernando Henrique Cardoso na Assembléia Francesa:

“Lutemos por uma nova ordem mundial que reflita um contrato entre nações realmente livres, e não apenas o predomínio de uns Estados sobre outros... A barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição

de políticas unilaterais em escala planetária. Não devemos permitir que a lógica do medo substitua a lógica da liberdade, da participação e da racionalidade.”

Esse discurso, cada vez mais, vai ficar freqüente entre países subdesenvolvidos, que não estão satisfeitos com a globalização, que, sem dúvida nenhuma, favorece totalmente os fortes em detrimento dos fracos. São eles que dispõem de tecnologia, que têm maior capacidade gerencial, que têm acesso mais fácil ao capital. Então as vantagens estão todas do lado deles; ainda mais, o discurso liberal deles esconde uma prática protecionista. Então, é natural que predominem graças à globalização. Mas, cada vez mais, a voz dos que se sentem prejudicados vai crescer e vai exigir uma participação mais equânime.

As maiores vítimas do ataque terrorista foram as liberdades civis. É o fator mais preocupante

As relações Estados Unidos e Rússia

Uma outra reflexão
que deve ser feita diz

respeito às mudanças que estão ocorrendo nas relações Estados Unidos X Rússia.

Acho que o Antônio Carlos também citou isso.

Há uma mudança muito grande nessas relações: Estados Unidos e Rússia estavam à beira de um sério desentendimento, em consequência das divergências sobre a denúncia do Tratado ABM*. Os Estados Unidos porque pretendiam criar o seu escudo antimíssil e a URSS por temer que isso rompesse o equilíbrio de terror a favor dos Estados Unidos, que passariam a ficar invulneráveis a um primeiro ataque. E o equilíbrio era essência do jogo durante a guerra fria.

* N.R.: Tratado ABN – Redução do número de mísseis balísticos.

De repente essa divergência perdeu importância.

Primeiro, porque os Estados Unidos reconhecem que aquele escudo antimíssil, que julgavam ser necessário no caso de um eventual ataque com armas de destruição em massa por algum Estado pária, não teria nenhum papel na prática.

Há maneiras muito mais baratas, muito mais acessíveis, que exigem muito menos tecnologia para conseguir o mesmo objetivo: um avião cheio de combustível jogado contra um prédio.

Então, o escudo perdeu importância para os Estados Unidos.

É para a Rússia, a aproximação com os Estados Unidos atende aos seus melhores interesses do momento porque ela quer ter acesso à Organização Mundial do Comércio e a outros órgãos internacionais, o que pode conseguir com o apoio dos Estados Unidos; além do mais, ela tem um problema chamado Chechênia, que envolve atos de terrorismo praticados contra o Estado russo e que ela quer controlar a seu modo, ao seu jeito.

Então, há conveniência nesse acordo para a Rússia.

Coincidentemente, a expansão para o Leste da OTAN, que é um processo em andamento, e que vinha encontrando oposição da Rússia, pode se tornar conveniente para os dois lados. É curioso, mas quando a OTAN fez um acordo com a Ucrânia, que era aliada sensível da URSS, como também os Estados Bálticos, as relações Ucrânia x Rússia melhoraram consideravelmente, porque a Ucrânia, não se sentindo mais temerosa da Rússia, já que

contava com o apoio da OTAN, pôde se aproximar da Rússia em termos muito mais francos, muito mais tranquilos. As relações entre os dois melhoraram.

Então, eu acredito que nós vamos ver no futuro próximo a adesão da Rússia à OTAN.

Como o Embaixador Gibson disse ontem, eu não me comprometo com as minhas próprias idéias, mas eu tenho coragem de dizê-las; podem estar erradas, pode ser que o futuro venha a desmentir, mas eu acho que realmente para a Rússia a chegada da OTAN deixou de ser uma ameaça.

Como a OTAN tem um grupo interno, liderado obviamente pelos Estados Unidos, que são os chamados "globalistas", que acham que a OTAN tem que intervir em todo o mundo onde os interesses do Ocidente sejam ameaçados para não perder credibilidade, a participação da Rússia nesse sistema seria, a meu ver, extremamente bem-

vinda, bem recebida, pois, nessas condições, a paz mundial estaria quase assegurada.

É possível, portanto, que a OTAN receba mais um membro: a Rússia.

O verdadeiro Islã

Eu acredito, como uma reflexão final, que temos que fazer uma análise do Islã.

O Islã vem sendo apresentado ao mundo ocidental como o inimigo.

Nós estamos nos esquecendo de toda essa tradição admirável do Islã, de compreensão, de tolerância. O Islã sempre foi caracterizado pela tolerância e é injusto, com base em alguns trechos do Alcorão, tentar classificá-los como incitadores da

Os países em desenvolvimento estão sentindo que a globalização veio apenas para proteger os fortes em detrimento dos fracos

guerra santa e de outras coisas; é o mesmo que pegar os Evangelhos e usar o episódio de Jesus chicoteando os vendilhões do templo para classificá-lo de violento, esquecendo que há também o Sermão da Montanha. A mesma coisa acontece com o Alcorão, nós temos que ver as coisas da maneira correta.

Eu acho que nós temos que passar por uma reformulação das nossas idéias a esse respeito.

Não se esqueçam que quando os árabes muçulmanos dominaram a Península Ibérica deram provas de maior tolerância. A Península Ibérica tornou-se um lugar de abrigo de todos os oprimidos do mundo, principalmente judeus, que se refugiavam naquele lugar, onde havia cultura e tolerância. Não esqueçamos que o grosso da nossa herança grega, da qual nós tanto nos orgulhamos, chegou até nós graças aos árabes, porque o resto foi destruído, nos mosteiros da Idade Média.

Então, essa reformulação do Islã vai nos ajudar a compreender melhor o fenômeno que está ocorrendo. Esse ponto é fundamental.

O 11 DE SETEMBRO E A ESTRATÉGIA MILITAR

E, finalmente, não quero deixar de falar no tema específico proposto pela Escola de Guerra Naval, embora tudo o que até agora foi dito esteja ligado com esse tema.

Para que possa explicar como os acontecimentos de 11 de setembro vão repercu-

tir sobre a estratégia militar de nossas Forças Armadas, precisava dessa introdução.

Não vou falar do papel das Forças Armadas para reprimir o terrorismo. O Almirante Flores esgotou completamente o assunto e não tenho mais nada a dizer sobre isso.

Mas há **uma reflexão** que se tornou importante: como esse cenário político-estratégico, que eu desenhei aos senhores, pode influenciar em nossa preparação militar.

Não certamente no combate ao terrorismo, mas na nossa concepção de estratégia militar.

E esse é um ponto que não foi abordado por ninguém! Felizmente, ninguém falou sobre isso, portanto tenho a oportunidade de falar sobre algo novo.

Esse cenário cria inúmeras oportunidades e desafios – isso é estimulante! Estamos diante de grandes desafios para nossas Forças Armadas. Nosso pensamento estratégico básico é que nossas Forças Armadas são para dissuadir. Agora, temos que olhar isso num cenário muito mais amplo, muito mais complexo. É o que eu chamo de “emprego político do Poder Militar”.

A dissuasão é apenas um dos aspectos desse emprego político do Poder Militar.

O emprego político do Poder Militar é o emprego do Poder Militar na situação de paz, abaixo do nível de violência. Inclui não apenas a dissuasão, mas inclui outros elementos positivos que podem e devem ser usados pelas Forças Armadas: persuasão e até mesmo a coerção – que é a véspera da guerra, mas não é ainda a guerra, porque não emprega a força do Poder Militar, mas a sua capacidade potencial.

Nosso pensamento estratégico básico é que nossas Forças Armadas são para dissuadir. Agora, temos que olhar isso num cenário muito mais amplo, muito mais complexo. É o que eu chamo de “emprego político do Poder Militar”

Chegou a hora de reafirmarmos que o Poder Militar é um instrumento permanente da política do Estado. E a política do nosso Estado é clara no sentido de que queremos mais igualdade no nosso relacionamento com as grandes potências, com os países mais ricos. E o Poder Militar é um instrumento do Poder Nacional que pode colaborar nessa tarefa, de criar as condições de pressão.

E, às vezes, não é só pressão.

Quando mando um navio construído no Brasil, com equipamentos brasileiros, a um porto estrangeiro, estou fazendo emprego político do Poder Militar.

Estou dizendo àque-la nação: Vejam como sou competente! Vejam como sei construir meus navios! Vejam como meus homens são disciplinados! Tudo isso compõe a imagem do País, ajuda ao prestígio internacional do País, faz parte do emprego político.

Chegou uma hora que temos que refletir. Nem tudo o que a Marinha hoje está fazendo poderá continuar fa-

zendo com os recursos cada vez menores que lhe são destinados. Chegou a hora de dizer ao Governo, com toda a clareza, que o Programa Nuclear é um programa de governo, nacional. Não pode ser um programa da Marinha. A Marinha hoje sacrifica uma parcela ponderável do seu orçamento num programa que é para beneficiar o País. Os senhores sabem o significado que pode ter para o país Brasil a posse de um submarino nuclear?

Já que nós renunciemos, adequada e acertadamente, à arma nuclear, não deve-

mos renunciar à tecnologia nuclear, que já dominamos graças à Marinha. A Marinha conseguiu criar o domínio completo do combustível nuclear com enorme esforço, enorme sacrifício, sem auxílio externo.

Chegou a hora em que o Governo tem de reconhecer esse sacrifício da Marinha e transformar isso num projeto de Governo, porque o submarino nuclear representará o aumento do prestígio de nosso país, não só pela competência tecnológica que teremos demonstrado, mas também pelo receio de que, a qualquer momento, tomada a decisão política para fazê-lo, poderíamos ter o armamento nuclear.

Chegou a hora de dizer ao Governo, com toda a clareza, que o Programa Nuclear é um programa de governo, nacional. Não pode ser um programa da Marinha, porque o submarino nuclear representará o aumento do prestígio de nosso país

Vejam como o Paquistão e a Índia são tratados diferentes de qualquer outro país, por uma única razão: porque têm armamento nuclear.

Não defendo que tenhamos armamento nuclear – para nossa conjuntura não seria adequado e politicamente correto –, mas que desenvolvamos, isso sim, a tecnologia nuclear até aquele limi-te em que podemos

desenvolvê-la, que é o submarino com propulsão nuclear.

Isso temos que fazer e está dentro do emprego político de que falamos. Vamos mostrar nossa nova atitude dentro deste mundo cambiante, deste mundo que está mudando devido ao acidente de 11 de setembro, com a violência praticada a 11 de setembro.

Os condicionantes político-estratégicos mostram, claramente, a necessidade de um Poder Militar adequado à dimensão que queremos dar ao País.

Queremos ser um país de terceira ordem?

Muito bem, abramos mão do Poder Militar, não necessitaremos dele. Vamos desenvolver nossa economia, vamos melhorar a distribuição social, fazer todas essas coisas – que são boas e necessárias, sem dúvida nenhuma –, e vamos relegar o Poder Militar a uma posição desprezível.

Mas, se queremos ter um país de respeito, nós temos que ter o Poder Militar compatível com esse grau de respeito que queremos.

Não há alternativas para isso.

A Rússia ainda é respeitada e temida porque tem um tremendo potencial militar; se não tivesse esse potencial militar, estaria relegada à condição de subpotência.

Temos que desenvolver nosso Poder Militar e o contexto político-estratégico criado após esses incidentes mostra com clareza a necessidade desse desenvolvimento. Não podemos mais

esconder esse fato da sociedade. Temos que participar do debate que se trava em todo país e que alguém disse hoje de manhã, não me lembro quem, com toda a razão, que o setor militar, como qualquer outro setor, tem o direito de participar da vida política – não partidária –, mas com suas idéias, suas opiniões, com a força de suas sugestões.

Estamos numa hora em que aquela retirada para os quartéis não pode significar, de jeito nenhum, a nossa omissão com relação aos problemas do País. Não podemos ser omissos com os problemas do nosso país. Temos que estar presentes, temos que mostrar a nossa visão, como nós vemos as soluções dos problemas do País,

ou então nós estaremos covardemente fugindo da luta, do debate.

Acho que já gastei meu tempo. Mas queria só terminar e faço isso com muito prazer. Foi enorme a satisfação que tive de praticamente fechar esse seminário, falando depois de tantas pessoas ilustres que trouxeram tantas novas idéias para debate, que certamente irão ocupar nossas mentes por muito tempo ainda.

AOS MAIS JOVENS

Gostaria de me dirigir especialmente aos meus colegas do Curso de Política e Estratégia Marítima e do Curso de Comando e Estado-Maior.

Vocês hoje tiveram uma oportunidade magnífica.

E queria que este dia ficasse marcado na vida de vocês, porque vocês são o futuro da Marinha.

A Marinha será o que vocês quiserem que ela seja. E vocês estão tendo uma oportunidade magnífica de abrirem a mente e verem aqui um debate livre e franco de todas as idéias: de esquerda, de direita, de centro, ou de qualquer lado que vocês queiram. Mas todas essas idéias são aqui livremente circuladas e discutidas e isso é a nossa força. É isso que nos dá força e que faz desta Marinha algo do qual todos nos orgulhamos. Algo que vai ter um futuro magnífico, porque tem demonstrado coragem.

Nós saímos daquela torre de marfim na qual tínhamos nos encerrado e estamos descendo para falar com o povo, com a sociedade, com todos os setores da sociedade.

Temos de ir até a sociedade e mostrar nossa importância para este país com um Poder Militar democrático, mas um Poder Militar significativo, como é necessário para qualquer país

Outro dia, na Escola Naval, fui fazer uma palestra e tive a felicidade de encontrar universitários participando de debates com nossos aspirantes, participando daquela vida comum nossa.

Isso é fantástico.

Já houve até uma consequência: fui convidado para ir a uma faculdade fazer uma palestra, já fiz essa palestra e fui chamado para outra.

Esse entrosamento das Forças Armadas com a sociedade civil está exatamente dentro desse espírito que foi criado após os trágicos atentados de 11 de setembro.

Não podemos mais ficar na nossa torre de marfim. Temos de ir até a sociedade e mostrar nossa importância para este país com um Poder Militar democrático, mas um Poder Militar significativo, como é necessário para qualquer país.

Tenho a certeza de que vocês estão recebendo uma lição extremamente importante e de que vão saber aproveitá-la para o bem da Marinha.

Muito obrigado!

1 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS> / Terrorismo /; Simpósios; O ato terrorista de 11 de setembro;

**Escrever é manter-se sempre
surpreso em frente ao mundo e
não se manter passivo diante do
que acontece ao redor.**

Leslie Kaplan

Romancista norte-americana

Entrevista ao *Jornal do Brasil* de 1º/12/02